

AS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS DA TURMA DA MÔNICA COMO FERRAMENTAS PARA A INCLUSÃO ESCOLAR¹

Giuliano Tosin²

Gisele Salgado Franco³

Melissa Tiemi Hayashida⁴

Bianca Rodrigues de Oliveira⁵

RESUMO

O presente trabalho trata da inclusão social representada nas histórias em quadrinhos da Turma da Mônica, de Mauricio de Sousa. É abordada a inclusão no ambiente escolar a partir de um estudo de caso do Projeto Inclusão, iniciativa desenvolvida na rede pública municipal de ensino de Atibaia, que usava os quadrinhos da Mônica para auxiliar na interação entre alunos portadores de necessidades especiais e as outras crianças. A partir de estudos bibliográficos e de pesquisa de campo, foi possível observar como os professores do projeto utilizaram os quadrinhos de maneira a beneficiar a integração entre todas as crianças, ensinando-as a fazer associação com acontecimentos sociais e ampliando os elementos que auxiliam no seu aprendizado.

PALAVRAS-CHAVE

Inclusão social; Inclusão escolar; História em quadrinhos.

-
- 1 Pesquisa originalmente desenvolvida para a disciplina de Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação, em 2014, que recebeu continuidade como iniciação científica no ano seguinte, passando a ser vinculada ao Centro de Pesquisas (CEPE) da FAAT Faculdades.
 - 2 Doutor em Arte e Mediação pela UNICAMP. Professor de Comunicação Social e Artes Visuais na UNINOVE e na FAAT.
 - 3 Aluna de graduação em Comunicação Social na FAAT Faculdades e pesquisadora de iniciação científica no CEPE-FAAT.
 - 4 Aluna de graduação em Comunicação Social na FAAT Faculdades e pesquisadora de iniciação científica no CEPE-FAAT.
 - 5 Aluna de graduação em Comunicação Social na FAAT Faculdades e pesquisadora de iniciação científica no CEPE-FAAT.

ABSTRACT

This paper is focused in the social inclusion represented in the comics Monica's Gang, by Mauricio de Sousa. It addressed the inclusion in the school environment from a case study called Inclusion Project, initiative developed at public network education of Atibaia, which used the comics Monica's Gang to assist in the interaction between pupils with special needs and other children. From bibliographical studies and field research, it was possible to observe how the project teachers used the comic in order to benefit the integration of all children, teaching them to make association with social events, and expanding the elements that assist in learning.

KEY WORDS

Social inclusion; School inclusion; Comic; Mass communication.

INTRODUÇÃO

O que é inclusão e a inclusão escolar

O conceito de “inclusão” e suas práticas originaram-se no final da década de 80, através de um movimento que redimensionou o enfoque das necessidades especiais em relação à sociedade, com o intuito de inserir a convivência dos deficientes físicos e mentais na vida social, de forma geral. Antigamente, as pessoas com necessidades especiais eram excluídas da sociedade, tornadas reclusas pelas próprias famílias ou acolhidas e isoladas em hospitais e prisões. A inclusão, portanto, também é uma questão de cidadania. O coletivo é a principal fonte para o desenvolvimento das funções superiores, principalmente das crianças com atraso mental. Atualmente, acredita-se que, proporcionando os recursos necessários, o deficiente deve se adaptar de acordo com as práticas e conhecimentos assimilados, e incorporá-los ao que ele já conhece, de acordo com suas possibilidades e limitações. O indivíduo com necessidades especiais, de certa forma, torna-se responsável por sua própria inclusão na sociedade.

Apesar de suas condições físicas e psicológicas, o ser humano é limitado e o ambiente exerce uma forte influência nesses fatores. Quanto mais estimulado for, mais condições o indivíduo terá de se desenvolver e lidar com suas limitações. Segundo Bersch *et alii* (2007, p. 15), “aprendemos aquilo que vivenciamos e a oportunidade de relações e correlações, exercícios, observações, auto-avaliação e aperfeiçoamento na execução das tarefas fará diferença na qualidade e quantidade de coisas que poderemos aprender no curso de nossas vidas.”

A adaptação consiste em um processo pelo qual o indivíduo domina e corresponde às expectativas em torno de sua formação e adaptação em todos os sistemas de relações que são propostos pelo meio. Piéron (*Apud* NOVAES, 1975, p. 20) define adaptação como reações do organismo, pois o corpo sente a pressão e gera uma reação que pode causar bloqueios que dificultem sua adaptação. Para a criança, a escola deve oferecer todo o desafio e estrutura necessários para seu desenvolvimento e interação social. É imprescindível que a criança tenha todo o suporte em sua adaptação e não se sinta diferente dos colegas. Privar uma criança desse desafio é afastá-la do desenvolvimento pleno de seu potencial.

Tem-se hoje, na rede de ensino brasileira, por exigência da lei, alunos portadores de necessidades especiais, e cada um deles conta com o apoio de um profissional denominado mediador, que o auxilia nas atividades preparadas pelo professor, de acordo com sua necessidade. Além disso, devem ser realizadas constantes adaptações estruturais nas instituições escolares, a fim de melhorar o processo de inclusão, desde a adaptação de banheiros até a utilização de materiais adaptados e conteúdo lúdico em atividades aplicadas em sala. Além disso, devem ser elaborados projetos abordando a temática da “inclusão do diferente”. Para Bersch *et alii* (*Op. Cit*), “os serviços de educação especial são de fundamental apoio ao ensino regular para que não transformemos a deficiência em uma incapacidade.”

Nota-se uma evolução na vida do aluno com deficiência que, ao interagir com outras pessoas, passa a ter experiências únicas no

âmbito não só escolar, mas também social, já que, na maioria das vezes, essa criança tem seu maior tempo de socialização na escola. A vida profissional de qualquer cidadão depende de suas experiências e, por isso, é muito importante que o portador de necessidades especiais viva incluído em sociedade desde o início de sua trajetória escolar. Segundo Skliar, “o fato de que a Educação Especial está totalmente excluída do debate educativo é a primeira e mais importante discriminação.” (2002:15)

Histórico e função pedagógica das HQs

Os quadrinhos originaram-se da junção de dois códigos de signos gráficos: imagem e texto, o que torna sua linguagem interessante e dinâmica para a leitura. De acordo com Mendonça (2008, p.72), as ilustrações das histórias em quadrinhos correspondiam inicialmente ao estilo “cartoon”, sem procurarem ser cópias fiéis da realidade. A primeira história em quadrinhos foi criada por Richard Fenton Outcauld, com o personagem Yellow Kid, em 1895, para o jornal New York World. Mendonça (*Idem*, p.15) descreve o personagem: “Yellow Kid era uma criança pobre de seis ou sete anos, de cabeça grande, orelhudo e com camisolão sujo, que morava em um gueto nova-iorquino. As histórias retratavam crianças e adultos que viviam em favelas (becos) norte-americanas.” O grande sucesso das histórias de Yellow Kid favoreceu a valorização das HQs, pois passou a haver uma concorrência maior entre os jornais para publicação de conteúdos semelhantes. Dessa forma, se firmaram como um típico produto comercial da então emergente cultura de massa.

Ainda segundo Mendonça (*Idem*, p.116), alguns dos principais elementos que constituem e caracterizam as histórias em quadrinhos são: a) Balões: onde são dispostos os diálogos entre os personagens. Para a representação de cada tipo de emoção são utilizados balões com características específicas; b) Cenários: ambientes criados onde se dão as histórias; c) Onomatopeias: são as representações dos sons. Utilizam-se ruídos que imitem

sons reais; d) Personagens: elementos utilizados pelo autor para conduzir a história; e) Quadrinhos: correspondem à moldura que limita a visão do leitor a cada situação. Podem apresentar distorções para indicar atmosferas de sonhos, por exemplo; f) Tipos de planos: são os enquadramentos dados a cada situação retratada, de acordo com o que o autor deseja transmitir ao leitor. Entre eles estão: plano geral, plano médio, primeiro plano, close, entre outros.

No início, o público leitor das histórias em quadrinhos era formado essencialmente por leitores de jornais, onde eram publicadas, na forma de “tirinhas”. Mas a profissionalização das tiragens possibilitou a proliferação deste meio na sociedade. A massificação trouxe uma tendência naturalista nos desenhos, que começaram a assumir características mais fiéis às das pessoas e objetos, o que potencializou ainda mais sua aceitação. Mas o aparecimento de um novo veículo de disseminação dos quadrinhos, as publicações periódicas conhecidas como Comic Books (ou no Brasil, gibis), nos quais logo despontaram os super-heróis, teve extrema penetração junto aos leitores mais jovens e ampliou consideravelmente o consumo dos quadrinhos, tornando-os cada vez mais populares (RAMA *et alii*, 2012, p.11).

Sua enorme popularidade entre os jovens passou a despertar nas autoridades um certo alerta em relação à sua influência cultural sobre os leitores infantis. “O período de pós-guerra e início da Guerra Fria foi especialmente propício para a criação do ambiente de desconfiança em relação aos quadrinhos.” (*Op. Cit.*) *A partir daí, as publicações passaram a atender a um código de ética criado para os quadrinhos, chamado “Comics Code”, que restringia o conteúdo das publicações. Apesar de sua imensa popularidade junto ao público leitor, composto, principalmente, por jovens e adolescentes, e das altíssimas tiragens das revistas, a leitura de HQs passou a ser estigmatizada pelas camadas ditas “pensantes” da sociedade.*” (*Ibidem*, p.16)

O aprimoramento dos meios de comunicação desmitificou essa visão negativa sobre os quadrinhos, o que favoreceu a aproximação das HQs às práticas pedagógicas, e suas qualidades vêm sendo avaliadas e discutidas como ferramentas educacionais. A inclusão efetiva das histórias em quadrinhos em materiais didáticos começou de forma tímida. Inicialmente, elas eram utilizadas para ilustrar aspectos específicos das matérias que antes eram explicadas por um texto escrito. Professores das mais diversas disciplinas passaram a buscar nas HQs não apenas elementos para tornar suas aulas mais agradáveis, mas, também, conteúdos que pudessem utilizar para transmissão e discussão de temas específicos em sala de aula (*Ibidem*, p.20). No Brasil, por exemplo, o emprego das histórias em quadrinhos já é reconhecido pela LDB (*Lei de Diretrizes e Bases*) e pelos PCN (*Parâmetros Curriculares Nacionais*).

A grande variedade de títulos, temas e histórias existentes permite que qualquer professor possa identificar nas HQs materiais apropriados para sua classe de alunos, independente do nível ou faixa-etária, seja qual for o assunto que deseje desenvolver com eles. A acessibilidade e o baixo custo também são características marcantes, pois o preço das HQs é relativamente baixo, em comparação a outros produtos da indústria cultural. Além disso, a forte identificação dos estudantes com os ícones da “cultura de massa” é também um elemento que reforça a utilização das HQs nos processos didáticos, e a interligação do texto com a imagem amplia a compreensão de conceitos de uma forma que qualquer um dos códigos, isoladamente, teria dificuldades para atingir (*Op. Cit.*).

Devido aos variados recursos lúdicos presentes na linguagem quadrinhística, como o balão, a onomatopeia e os diversos planos utilizados pelos desenhistas, as crianças têm acesso a outras possibilidades de comunicação, que colaboram para seu relacionamento familiar a coletivo. Além de apresentarem vários recursos comunicacionais, fornecendo inúmeras possibilidades

de comunicação, os quadrinhos possuem um grande poder globalizador, pois as histórias podem ser lidas em qualquer parte do mundo, normalmente sem comprometer a compreensão de seu sentido. Como mais uma virtude, as HQs também são capazes de atingir aqueles que já leem, e os que ainda estão começando a ler.

Inclusão nas HQs da Turma da Mônica

As histórias em quadrinhos da Turma da Mônica são um dos maiores fenômenos da comunicação de massa voltada ao público infantil brasileiro. Concebidas por Mauricio de Sousa no começo dos anos 1960, consagraram vários personagens que têm lugar privilegiado no imaginário dos leitores de HQs em nosso país. Além da própria Mônica, outros como Cebolinha, Cascão, Magali e Chico Bento são nacionalmente conhecidos pelo público de diversas idades. Em entrevista concedida à presente pesquisa⁶, o autor declarou que seus personagens foram todos criados a partir de experiências vividas, observando crianças e inspirando-se em familiares. Porém, num dado momento do longo sucesso dos personagens da Turma da Mônica, deu-se conta de que havia carência de um tipo de personagem infantil ausente em seus quadrinhos:

Eu estava me esquecendo de uma coisa, estava muito baseado nas crianças mais próximas de mim, minha família, principalmente. Eu esqueci que, quando era criança, também tinha alguns amiguinhos que tinham necessidades especiais, tinham algum problema físico. Então, eu falei, estou pensando que a minha história é uma história de crianças como todas as crianças, mas não é. Todas as crianças têm um amigo com dificuldades físicas. E quando não tem um adulto perturbando ou enfiando bobagem na cabeça da criança, ninguém tem preconceito. A criança brinca de igual para igual, como toda a criança brinca, não tem frescura.

6 Entrevista realizada nos estúdios da Mauricio de Sousa Produções, em São Paulo, no dia 09/09/2014.

Em 2004, o autor começou a criar personagens com dificuldades especiais e os integrar ao convívio com os demais personagens já existentes na Turma da Mônica. Entretanto, esse passo foi dado com muita cautela, atentando para a delicadeza que envolve o assunto, como nos descreve o autor, em outro trecho da mesma entrevista:

Tem uma falha nas minhas histórias, na estrutura delas, está faltando crianças especiais, criança que não anda, com dificuldade de locomoção, criança que não enxerga etc. Daí comecei a estudar como ia criar esses personagens. (...) Eu tinha medo de criar o personagem e puxar para ele algum preconceito que a gente carrega na infância, da educação, ou de outros tempos, de outros contextos. Tem coisa que, antigamente, era legal, era normal, e agora não é mais, e isso demonstra uma conscientização nossa. Não é que ninguém precisa falar uma coisa para você sentir que é coisa errada, você sente que tem que partir de algumas coisas.

Segue uma breve apresentação dos personagens portadores de necessidades especiais nos quadrinhos da Turma da Mônica.

Luca (dificuldade motora): certa vez, um grupo de atletas paraolímpicos foi visitar Mauricio de Sousa e o autor ficou impressionado com o bom humor, a alegria e as autoironias deles. Inspirado neles e num menino cadeirante “bonitinho e bem-humorado” que conheceu em Brasília, criou o personagem, em 2004. Também é chamado de Da Roda pelos outros personagens, em função da sua cadeira de rodas motorizada, criada pelo personagem-inventor Franjinha. Além de ser considerado bonito pelas personagens femininas, nada e joga basquete muito bem.

Dorinha (deficiência visual): personagem criada também em 2004, é uma homenagem à pedagoga e filantropa brasileira Dorina Nowil, que ficou cega aos 17 anos e realizou diversas iniciativas de apoio aos deficientes visuais, como a criação de instituições, leis e campanhas. Era vaidosa e dominava totalmente seus problemas, características que Mauricio de Sousa aplicou também à personagem que, no caso, já nasceu cega. Em compen-

sação, desenvolveu particularmente a audição, o olfato e a proximidade com os cães, sobretudo com seu cão-guia labrador, chamado Radar.

André (autismo): para criar este personagem, Mauricio de Sousa pesquisou as diversas gradações do autismo e seus reflexos no comportamento social dos portadores. O personagem possui autismo num nível médio, o que possibilita que, mesmo com certo isolamento, participe de brincadeiras com outros personagens.

Tati (síndrome de Down): inspirada numa garota com o mesmo nome, que o autor conheceu em Campinas e que atuou até num espetáculo da Broadway, a personagem é otimista e amigável, sempre à procura de um mundo melhor. Mauricio de Sousa estudou as condições de crianças portadoras de Down numa escola dos EUA onde são estimuladas e se desenvolvem muito bem, conseguindo ler e escrever aos dois anos de idade. Tati e André são personagens que fizeram raras aparições nos quadrinhos da Turma da Mônica.

A edição especial das HQs da Mônica intitulada “Viva as diferenças!”, com distribuição gratuita, publicada em 21/03/2009, Dia Internacional da Síndrome de Down, apresenta uma ocasião rara, em que Tati, Dorinha e Luca aparecem numa mesma história. A narrativa se passa no ambiente escolar, onde os alunos especiais convivem naturalmente com os demais, demonstrando um caso bem-sucedido de inclusão. A professora apresenta aos demais a nova aluna, Tati, que é reconhecida ironicamente por Dorinha, “Deixa eu ‘ver’ como você é!”. Tati mostra-se inteiramente à vontade, diz que é portadora da Síndrome de Down e pede que a professora explique aos demais alunos do que se trata. A professora explica as razões da síndrome e as principais características dos portadores, bem como ressalta que a inclusão escolar e profissional deles é absolutamente possível. Após sua primeira interação com os demais personagens, Tati é considerada habilidosa, sensível e charmosa, e tem sua atenção disputada pelos outros alunos. Algumas frases de destaque na história são: “A Tati não precisa de

cuidados especiais”, “Todas as pessoas possuem suas particularidades, não há uma igual a outra” e “Cada criança é única”.

Projeto Inclusão

O Projeto Inclusão foi desenvolvido durante o ano de 2012 na Escola Municipal de Educação Infantil (EMEI) Diretora Eleonor de Barros e se baseou na utilização das histórias e exploração de alguns personagens de inclusão da Turma da Mônica. O projeto também contou com o suporte de vídeos que abordavam a temática da inclusão, de diferentes formas. Os alunos envolvidos estavam matriculados no ensino infantil 4, ou seja, possuíam entre quatro e cinco anos de idade. Participaram professoras, diretora, uma profissional mediadora, além de merendeiras e profissionais de limpeza, que se envolveram de forma indireta. A motivação principal para o desenvolvimento do projeto foi a necessidade de administrar uma situação em que havia oito alunos portadores de necessidades especiais matriculados nesse mesmo ano letivo. Havia a necessidade de mostrar, através de uma linguagem compreensível, que as pessoas são diferentes umas das outras e devem ser respeitadas, independente disso.

Devido à pouca idade, as professoras notaram que, apesar de reconhecer as deficiências dos colegas, os demais alunos possuíam uma dificuldade para a real compreensão das necessidades especiais dos coleguinhas. A partir daí, houve uma mobilização por parte de algumas professoras para a criação e desenvolvimento de ações e atividades que pudessem, de alguma forma, favorecer a convivência e a interação rotineiras entre os alunos regulares e os especiais. As professoras envolvidas se reuniam semanalmente, discutindo as melhores formas de aplicação das atividades que utilizavam os quadrinhos e demais suportes.

A fim de detectar o quanto as crianças conheciam o assunto inclusão e o quanto sabiam sobre as deficiências, foi realizado um levantamento na forma de uma conversa informal, visando a descobrir se as crianças possuíam contato fora da escola com por-

tadores de alguma necessidade especial. Após esse levantamento inicial com as crianças, foi enviado um questionário aos pais, através do caderno de recados, visando a descobrir se esses alunos possuíam contato com algum portador de necessidades especiais dentro ou fora da família, e caso possuíssem, como lidavam com essas pessoas e situações. Os relatos trazidos de casa e as falas espontâneas das crianças durante as aulas foram todos registrados e anexados ao projeto para avaliações.

Durante o projeto, tudo foi trabalhado de forma a incluir os alunos especiais em todas as atividades do dia a dia das aulas, integrando-os de forma muito natural. Além das atividades desenvolvidas diariamente em sala de aula, os alunos portadores de necessidades especiais eram auxiliados por uma mediadora, profissional que realiza um trabalho diferenciado com essas crianças em um núcleo (AEE), sigla para Atendimento Educacional Especializado, com atividades na forma de complemento de ensino. Em sala de aula, eram realizadas dinâmicas em que as diferentes deficiências eram exploradas, favorecendo a criação de situações nas quais os alunos regulares pudessem sentir-se no lugar do colega especial. Em uma atividade, por exemplo, foi proposto que alguns alunos fossem vendados, para que se sentissem no lugar do aluno deficiente visual. Em outra, uma aluna auxilia um colega deficiente visual na exploração do ambiente escolar, visando ao desenvolvimento da solidariedade para com o especial. A personagem de Mauricio de Sousa que foi explorada nessas duas atividades foi Dorinha. Nas atividades que envolveram a personagem, também foi proposto que os alunos vendados tentassem reconhecer os coleguinhas apenas através do tato.

Ao todo, cinco docentes se envolveram no projeto, desde o surgimento da ideia até as práticas realizadas e a mensuração de resultados. A aplicação das atividades desenvolvidas pelas docentes se dava de forma integrada às rotinas escolares diárias. Segundo as professoras, o papel dos quadrinhos da Turma da Mônica foi essencial ao desenvolvimento e sucesso do projeto. Por

apresentarem diversos personagens com diferentes necessidades especiais, puderam ser explorados na abordagem de mais de uma deficiência. Em todo o projeto, foram exploradas as deficiências motora, auditiva, visual e intelectual.

Em entrevista concedida à presente pesquisa em setembro de 2015, os profissionais envolvidos no Projeto Inclusão declararam que a linguagem presente nas HQs, além das imagens e elementos que exploram aspectos lúdicos, favoreceram a compreensão dos alunos, além de tornar os aprendizados divertidos, o que foi essencial para o sucesso do projeto, dentro da realidade da escola. A identificação dos alunos com os personagens de Mauricio de Sousa foi imediata e auxiliou muito no processo de assimilação por parte deles, daquilo que se pretendia transmitir. Sem dúvida, os personagens funcionaram como mediadores nesse processo, pois favoreciam o contato das crianças com as necessidades diferenciadas dos coleguinhas, a partir de uma linguagem compreensível para sua pouca idade.

A avaliação do projeto se deu durante todo o processo de desenvolvimento e aplicação e permitiu que as professoras constatassem que os personagens com os quais houve maior identificação por parte dos alunos foram Dorinha e Luca. Inclusive nas atividades de interferência realizadas com esses personagens, as professoras notaram um interesse muito grande dos alunos. Em relação ao personagem Luca, explorado para a abordagem da deficiência motora, foi possível notar que todos os alunos passaram a sentir vontade de ajudar os dois coleguinhas cadeirantes da escola. Antes do projeto, nem sempre os alunos regulares compreendiam as necessidades diferenciadas dos coleguinhas especiais. Mas, durante seu desenvolvimento, já se pode notar uma diminuição do distanciamento entre eles. Os alunos regulares, ainda que muito pequenos, passaram a se colocar no lugar do outro. Estimulados pelas atividades realizadas, já começou a surgir uma vontade de ajudar os amiguinhos especiais, o que permitiu perceber que a solidariedade, essencial para a aceitação da diferença,

foi despertada entre as crianças envolvidas, além do amor e respeito ao outro.

Considerações Finais

A iniciativa do Projeto Inclusão permitiu constatar a eficácia das histórias em quadrinhos da Turma da Mônica como uma ferramenta no auxílio à administração das diversas situações em que algum tipo de mediação do processo de inclusão educacional se faz necessário. Hoje, não existem informações que registrem a utilização das HQs com essa mesma finalidade. O único registro encontrado foi o Projeto Inclusão, que, apesar de aplicado a apenas um universo restrito, mostrou-se como uma boa forma de atribuir outros usos aos quadrinhos, que são uma poderosa ferramenta de comunicação.

Segundo Mauricio de Sousa havia revelado em sua entrevista, a finalidade da inserção dos personagens portadores de necessidades especiais não se baseou diretamente numa tentativa de promover a inclusão ou, ainda, servir como ferramenta mediadora desse processo. Porém, para o desenvolvimento de cada personagem de inclusão, foi realizada uma pesquisa aprofundada sobre como eles vivem e como realizam suas atividades, visando a uma interação entre os especiais e os demais, que não demonstrasse qualquer marca de preconceito ou discriminação, o que favoreceu sua aplicação no Projeto Inclusão. O autor alegou basear-se em figuras de seu convívio para a criação dos personagens e mencionou que, em sua infância, ele não percebia qualquer tipo de animosidade por parte das crianças em relação aos especiais. Por isso, não foram encontradas grandes barreiras na inserção desses novos personagens, que convivem e interagem normalmente com todos os demais. Nas histórias, pode-se observar que os enredos são desenvolvidos de forma muito natural e que os personagens especiais são tratados como qualquer outro, assim como as professoras buscaram realizar durante as atividades do Projeto Inclusão.

Os relatos das cinco professoras que participaram do Projeto Inclusão permitiram notar que as mudanças se estenderam

para muito além do ambiente escolar. Os ensinamentos e valores aprendidos pelos alunos os fizeram trazer situações cotidianas de casa nas quais eles, na sua percepção, estavam aplicando os conceitos de solidariedade e respeito ao outro. Considerando a experiência da EMEI, pode-se perceber que uma iniciativa como a do Projeto Inclusão fornece um novo horizonte a ser explorado na promoção da inclusão social e escolar. Uma sociedade mais inclusiva começa, sem dúvidas, através da educação, sobretudo com os mais jovens.

Bibliografia

- BERSCH, Rita; BROWNING, Nádia; SCHIRMER, Carolina R.; MACHADO, Rosângela. *Atendimento Educacional Especializado – Deficiência Física*. SEESP / SEED / MEC: Brasília (DF), 2007.
- CAMPOS, Maria de Fátima; LOMBOGLIA, Ruth. HQ: uma manifestação de arte. In: LUYTEN, Sônia M (Org.). *História em quadrinhos: leitura crítica*. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.
- CORRER, Rinaldo. *Deficiência e Inclusão Social*. Florianópolis: Edusc, 2003.
- DUTRA, Claudia Pereira. *Educação Inclusiva: atendimento educacional especializado para a deficiência mental*. MEC / SEESP: Brasília (DF), 2006.
- MANTOAN, Maria Tereza. *Compreendendo a deficiência mental: novos caminhos educacionais*. São Paulo: Scipione, 1989.
- MARTÍNEZ, Albertina; TACCA, Maria Carmen. *Possibilidades de aprendizagem: ações pedagógicas para alunos com dificuldade e deficiência*. Campinas: Alínea, 2011.
- MENDONÇA, João Marcos Parreira. *Traço a traço, quadro a quadro: a produção de histórias em quadrinhos no ensino da arte*. Belo Horizonte: C/Arte, 2008.

MIRANDA, Carlos; RIGOTTI, Gabriela. *Imagens e Educação/Estudos*. São Paulo: Fiuza, 2006.

NOVAES, Maria Helena. *Adaptação escolar*. Petrópolis: Vozes, 1975.

RAMA, Ângela; VERGUEIRO, Waldomiro; BARBOSA, Alexandre; RAMOS, Paulo; VILELA, Túlio. *Como usar histórias em quadrinhos na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2012.

SKLIAR, Carlos. *A pergunta pelo outro da língua In: Letramento e minorias*. Porto Alegre: Mediação, 2002.